

O porquê dos rapazes irem ficando para trás na escola

Christina Hoff Sommers, académica do American Enterprise Institute e autora do livro “The War Against Boys”, escreveu um artigo no “The New York Times” (2.2.2013), sobre como remediar o atraso académico que apresentam os rapazes norte-americanos relativamente às raparigas.

Os rapazes tiveram resultados tão bons ou melhores do que as raparigas na maioria dos testes de capacidades; no entanto, costumam ter piores notas que as raparigas e é menor a percentagem dos que chegam à universidade. Isso porquê? Um estudo (21.2.2012) publicado no “The Journal of Human Resources” afirma que os professores (professoras, fundamentalmente) apercebem-se desde o ensino pré-escolar que as raparigas têm melhor comportamento do que os rapazes.

Os autores do estudo analisaram os dados de mais de 5.800 estudantes, desde o ensino infantil até ao quinto ano do ensino básico (alunos de 10 anos), e verificaram que os rapazes, em todos os grupos raciais e em todas as matérias principais, obtiveram classificações inferiores ao que se poderia esperar a partir dos testes de capacidade realizados anteriormente.

Os especialistas atribuem este desajustamento às diferenças nas “competências não cognitivas”: a atenção, a perseverança, o desejo de aprender, a capacidade de estar tranquilo e trabalhar de modo independente. As raparigas tendem a desenvolver estas competências antes e de forma mais natural que os rapazes.

Nenhum estudo anterior, afirma esta autora, tinha demonstrado que as disparidades de género nas notas se inicia tão cedo, e que o problema reside nas diferenças no comportamento. Os investigadores observaram que os professores classificaram como menos competentes os rapazes, inclusivamente quando estes últimos fizeram tão bem como as raparigas as provas de leitura, matemática e ciências, devido ao seu pior comportamento.

De como as raparigas se adiantaram aos rapazes

Hoff Sommers recorda que num passado não muito longínquo, as famílias favoreciam os filhos do sexo masculino na atribuição dos escassos recursos para a educação. A partir da década de 1970, os pais começaram a valorizar a educação das suas filhas tanto como a dos seus filhos. Houve uma transformação social para uma economia de serviços baseada no conhecimento, aumentou significativamente o valor dos títulos universitários e começaram a nivelar-se as opções profissionais para os dois sexos.

À medida que estas mudanças ocorriam, as raparigas começaram a progredir na educação e, por volta de 1990, adiantaram-se aos rapazes. Atualmente, as mulheres representam cerca de 60% dos títulos de licenciatura e pós-licenciatura, começando a superar os homens na obtenção de doutoramentos. O problema do atraso académico dos rapazes é um tema cada vez mais preocupante, como se revela na imprensa, livros e artigos académicos.

Aproximar-se da sensibilidade masculina

Há algumas décadas, quando as raparigas tinham piores classificações do que os rapazes em matemática e ciências, houve um esforço para lhes dar mais apoio, e obteve-se um êxito significativo. Não será que deveríamos fazer o mesmo hoje, com os rapazes? Interroga-se Hoff Sommers.

Na sua opinião, a escola afastou-se do estilo docente que pode atrair os rapazes. “À medida que as nossas escolas se orientaram para um estilo pedagógico centrado nos sentimentos, contrário ao risco, sedentário e que dá primazia à colaboração, foram-se afastando cada vez mais da sensibilidade dos rapazes”.

Hoff Sommers aposta em que se siga o exemplo educativo dos britânicos, canadianos e australianos, que abordaram abertamente o problema do baixo rendimento masculino. Por isso, estão a experimentar programas que ajudam os rapazes a ser mais organizados e a melhorar a sua atenção e o seu

empenho. Isto inclui mais tarefas de leituras que lhes motivem uma maior atração (ficção científica, fantasia, desporto, espionagem, batalhas); mais tempos de recreio para que possam ampliar os seus relacionamentos sociais, mais aulas diferenciadas por sexos, e mais homens no professorado.

Pelo contrário, salienta uma série de tendências que estão a prejudicar os rapazes em relação às suas companheiras. Por exemplo: a diminuição dos tempos de recreio, as medidas de tolerância zero relativamente à indisciplina, e a recusa das escolas diferenciadas por sexos.

Embora a necessidade de elevar o nível académico abarque todos os tipos de rapazes, Hoff Sommers sublinha que se deve fazer um esforço especial no caso dos mais desfavorecidos: rapazes negros, latinos e de baixos rendimentos. As afro-americanas têm o dobro de probabilidades de obter um título universitário que os homens da sua raça. Nas escolas públicas de Boston, entre os estudantes que concluíram o secundário de 2007 aspirantes à universidade, havia 191 raparigas afro-americanas por cada 100 rapazes; entre os hispânicos, a proporção era de 175 raparigas por cada 100 rapazes; entre os brancos, 153 por cada 100.

A importância da educação do carácter

Muitas vezes, os esforços concentram-se em melhorar as notas. Mas cada vez parece mais clara a necessidade de melhorar também a educação do carácter. Assim o salienta Paul Tough, no seu livro "How Children Succeed: Grit, Curiosity and the Hidden Power of Character", delineado na "The Economist" (19.1.2013).

O autor insiste em que muitas vezes se pensa que o sucesso académico é um produto das competências cognitivas, o tipo de inteligência que se avalia nas provas de coeficiente intelectual. Mas as novas investigações descobriram que as competências de um estudante universitário estão mais relacionadas com a capacidade de manter a concentração, a perseverança no estudo e o controlo dos impulsos. Isto explica por que alunos que no secundário obtiveram bons resultados, ao chegarem à universidade fracassam. Competências não cognitivas, como a perseverança e a curiosidade, permitem prever, em grande parte, o futuro sucesso escolar.

A educação precoce, por parte dos pais ou professores, pode ajudar a melhorar os hábitos de conduta. O carácter pode ser ensinado, afirma Tough. Dá como exemplo o trabalho de um instrutor de xadrez que, numa escola de Brooklyn, converteu estudantes pobres e desmotivados em campeões de xadrez, ensinando-lhes novos modos de resolver problemas e de superar os seus fracassos.

Hoff Sommers também destaca o caso da Aviation High School em New York City. Além do plano de estudos padrão para a escola secundária, os estudantes passam metade do

dia em aulas práticas de fuselagens, sistemas hidráulicos e sistemas elétricos para aviões em miniatura. A escola de 2.200 alunos, na sua maioria estudantes negros e de famílias de baixos rendimentos, tem uma taxa de frequência de 95% e uma taxa de conclusão dos estudos de 90%. 80% dos alunos vão para a universidade.

Christina Hoff Sommers diz que se tornou feminista na década de 1970, porque rejeitava as injustas desigualdades relativamente à mulher. "Hoje, a justiça obriga-nos a abordar as graves deficiências educativas dos rapazes. O progresso das mulheres não exige o retrocesso dos homens", afirma esta autora.

Os preconceitos sexistas no ensino misto

"Alto aos preconceitos sexistas na escola!" Poderia ser um lema para reformar a escola no Afeganistão ou na Índia mas, na realidade, refere-se à escola em França e é o título de um artigo assinado conjuntamente pelo ministro da Educação, Vincent Peillon, e pela ministra dos Direitos das Mulheres, Najat Vallaud-Belkacem ("Le Monde", 27.9.2012).

O ensino em França procurou sempre assegurar a igualdade de oportunidades e entre os sexos. Estes ideais foram invocados também quando, em 1975, o ensino misto foi adotado como princípio organizador na escola pública, embora, na verdade, também se tenha imposto pela insuficiência de locais e de professores em face do avanço da escolarização nessa época.

Quase quatro décadas depois, os dois ministros constataam: "Nem a igualdade jurídica, nem o ensino misto foram suficientes para abolir o modo diferenciado de olhar para os rapazes e raparigas, nem a construção sexuada dos percursos escolares, nem as violências sexistas na escola". Um severo diagnóstico. Pelos vistos, misturar rapazes e raparigas não basta para assegurar a igualdade. "A escola está longe de ser neutra do ponto de vista do género", asseguram os ministros.

A desigualdade mais patente nos últimos tempos é que as coisas estão a correr pior para os rapazes. As raparigas têm mais êxito nos exames e, pelo contrário, entre os rapazes é maior o insucesso escolar e o abandono prematuro dos estudos. 76,6% das raparigas francesas concluem o ensino secundário, contra 66,8% dos rapazes.

Se as raparigas tivessem maior insucesso e abandono escolar, de imediato nos interrogaríamos se os professores se adaptam bem às suas necessidades, se o sistema não está inspirado em critérios masculinos ou se o clima da escola conspira contra elas.

Mas agora, que os últimos da fila são sobretudo rapazes, ainda o problema se reduz a uma questão de preconceitos.

Possivelmente é porque não existe um Ministério dos Direitos dos Homens mas, mesmo após reconhecer que aos rapazes as coisas correm pior na escola, o tom do artigo é como superar os preconceitos sexistas... contra as raparigas. Dizem que na escola se espera dos rapazes criatividade, e delas conformismo; que a eles lhes é dada mais a palavra; que se encoraja os rapazes a superar--se, enquanto que, muitas vezes, se pensa terem as raparigas chegado ao máximo da sua capacidade; que os manuais escolares de história estão cheios de “grandes homens” e de poucas “grandes mulheres”... Mas se tudo isto fosse verdade, é ainda mais misterioso porque, nos exames, a balança da desigualdade escolar se inclina a favor das raparigas. Talvez porque eles abrem menos os manuais, e não se sentem inspirados pelos grandes homens.

Poder-se-ia lançar a culpa dos estereótipos sexistas ao professorado, mas em tal caso seriam preconceitos transmitidos sobretudo por mulheres. Efetivamente, no ensino francês, as mulheres constituem 82% do professorado no ensino primário, 65% no básico e 53,9% no secundário.

Diversa orientação profissional

Seja qual for a causa, a realidade, lamentada pelos ministros, é que no momento da orientação profissional, os rapazes e as raparigas se obstinam em escolher caminhos diferentes. “As raparigas representam apenas 10% nas secções industriais e... mais de 90% na secção de ciências e tecnologias da saúde e do social”. Igualmente, embora haja mais raparigas do que rapazes a concluir o ensino secundário, “elas não são mais do que 43% dos alunos inscritos no primeiro ano das aulas preparatórias para as ‘Grandes écoles’”.

Ninguém obriga as mulheres a escolher ciências da saúde em vez de mecânica do automóvel. Mas os ministros não cruzam os braços perante as consequências do direito a decidir nos estudos. Declaram-se dispostos a trabalhar

com outros agentes sociais para mudar as coisas: “A nossa escola deve formar mais mulheres investigadoras, engenheiras, cientistas, que participem na recuperação do sistema produtivo do nosso país”.

Contacto e abuso

A coeducação parece que tão-pouco garantiu um maior respeito na relação entre ambos os sexos. Dizia-se que com o maior conhecimento mútuo se suavizariam as suas relações e

se geraria o respeito. Rapazes e raparigas contactam mais na escola, mas também se maltratam mais. Por isso, dizem os ministros, “a nossa escola deve mobilizar-se contra as violências de género, essas palavras, esses gestos, esses golpes que excluem e rebaixam as raparigas”.

Ninguém disse que seja fácil lutar contra os preconceitos sexistas. Muito menos remover o preconceito de que basta sentar nos mesmos bancos da escola rapazes e raparigas, para que reine a igualdade, o respeito e a eficácia académica. Não seria mau ter em conta que, nem a coeducação, nem o ensino diferenciado, são dogmas, mas instrumentos que devem ser avaliados tendo em conta a sua eficácia em cada caso, como advertiu há alguns anos, em França, o sociólogo Michel Fize no seu livro “Les pièges de la mixité scolaire”. Em vez de tratar a coeducação como um tabu intocável, Fize fazia uma proposta pragmática de admitir uma pedagogia diferenciada, com aulas não mistas nas situações e idades em que fosse necessário. Em qualquer caso, os que catalogam o ensino diferenciado de contrário à igualdade, deveriam demonstrar antes que o ensino misto a garante.

I. A.